

A transferência e o infantil

Bernardo Tanis

O infantil determina um conjunto de possibilidades que irão se atualizar através da repetição e da transferência. Este artigo discute, a partir de uma situação clínica, as relações entre estes processos e a memória.

A partir da minha prática clínica e de um diálogo com textos de Freud e de outros analistas, venho desenvolvendo uma pesquisa sobre a posição do infantil na Psicanálise. Desde Freud, ela não o compreende como puerilidade ou infantilismo comportamental, nem como internalização sem mediações da infância concretamente vivida. Sua esfera começa a se configurar, em Freud, a partir de uma interrogação etiológica sobre as neuroses. É neste sentido que ele se relaciona com as

experiências traumático-pulsionais da criança. As transformações do pensamento freudiano conduzem a mudanças significativas na compreensão do infantil: a descoberta da transferência, por exemplo, desloca o

Bernardo Tanis é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise, professor do Curso de Psicoterapia Psicanalítica da Criança do Instituto Sedes Sapientiae e docente do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da PUC/SP. Este artigo baseia-se na pesquisa desenvolvida para sua dissertação de mestrado, *Memória e Temporalidade: um Estudo sobre o Infantil em Psicanálise*, no prelo (Casa do Psicólogo Ed.).

lugar da rememoração do passado, ganhando a repetição um significado central no processo analítico. Embora a sexualidade infantil e a trama edípica sejam os pilares do conceito analítico de infantil na psicanálise, penso que uma investigação aprofundada da *memória* e da *temporalidade* revela aspectos centrais daquele, assim como do funcionamento inconsciente e sua colocação em ato na transferência. Foi este o vértice privilegiado na pesquisa, que conduziu a ver nas transformações da teoria da memória e da temporalidade em Freud uma transformação de sua concepção sobre a realidade psíquica e sobre as produções desta última. Nesta perspectiva, podemos compreender que a transferência mantém uma relação de pertinência com a esfera de possibilidades que o infantil determina.

O que se segue neste trabalho é uma tentativa de , partindo de uma vinheta clínica, relacionar o fenômeno transferencial com a noção de infantil.

Para introduzir a transferência

Se a noção de processo primário domina a primeira tópica freudiana, podemos sustentar que a noção de repetição ocupa um lugar de importância equivalente na segunda. Não porque só tenha sido percebida na década de vinte; pelo contrário, ela faz parte do pensamento freudiano desde suas origens. Mas, como outras noções, foi adquirindo sua dimensão progressivamente, após um longo período de gestação. Quase a contragosto impôs-se a Freud, como várias vezes foi mencionado por ele, ao referir-se à transferência como uma das modalidades pelas quais a repetição se expressa no tratamento. O epílogo do *Caso Dora* é característico da atitude ambivalente de Freud em relação à transferência; neste texto, reco-

nhece a impossibilidade de evitá-la, o que conduz a reformulações da clínica a partir do eixo transferencial.

Se o campo da resistência à significação das representações recalçadas domina a cena do processo analítico, progressivamente a repetição começa a ser percebida como uma das armas mais poderosas

A repetição analítica seria uma performance que pede uma frase.

sas da resistência. A questão da transferência, que num primeiro momento é compreendida por Freud como deslocamento, passa a ser apreendida cada vez mais claramente como efeito de uma tendência mais geral do aparelho psíquico à repetição. Este fenômeno de repetição só pôde começar a ser compreendido por Freud na medida em que este foi progressivamente construindo sua noção de inconsciente. Se tomarmos a transferência em seu sentido mais estrito - atualização de experiências passadas em relação à pessoa do analista - veremos que aí já está pressuposta a noção de processo primário, na medida em que há deslocamento e condensação; também está pressuposta a particularidade temporal do inconsciente, "que lida com o atual como se fosse inatual".

Por outro lado, se até a descoberta da transferência a associação livre dominava exclusivamente a cena analítica, agora o *ato* aparece, com um sentido muito particular, como novo integrante dela. A palavra é portadora de sentido, e por seu intermédio podem estabelecer-se cadeias associativas, religando assim afeto e representação, e tornando acessíveis à consciência aspectos do recalçado. Por esta via, a palavra transformada em ato interpretativo ganha força performativa, como posteriormente mostrou Austin. Segundo seu desenvolvimento teórico, que a experiência analítica permite confirmar, não existem apenas frases declarativas; há outras, cuja enunciação contém implicitamente a expressão de um ato.

Desta natureza são, ao meu ver, algumas interpretações do analista. *Mutatis mutandis*, e isto já extrapola as afirmações de Austin, a repetição na situação analítica seria uma performance que pede uma frase: "O paciente repete em lugar de recordar", diz Freud (1914). O paciente atua o que talvez não possa recordar como memória evocativa, presentificando na repetição aspectos de seu passado infantil. A prática analítica procurava até então entender, para além da lógica consciente, uma outra lógica, encontrada nas formações do inconsciente (sonho, ato falho, sintoma). Com a emergência da repetição transferencial, um novo aspecto ganha sentido: a força da situação analítica. Como o próprio Freud reconhece, o processo de análise se altera, pois não há tão somente evocação das paixões da alma: amor e ódio, idealização e destruição, tornar-se-ão concretos, de forma tal que analista e analisando estão expostos a demandas primitivas, cujos cenários distam muito da confortável poltrona ou do aveludado divã. A situação analítica vê-se enormemente transformada, pois o analista terá que se defrontar com as respostas outrora formuladas para muitas destas mesmas demandas.

Mas o que se repete? Por que se repete? Que forças animam esta repetição? Como podemos compreender esta repetição face ao infantil? Freud trata de modo mais especulativo esta questão em *Para Além do Princípio do Prazer*, e de modo mais concreto em *Inibição, Sintoma e Angústia*. A natureza infantil da repetição também é corroborada pela qualidade das demandas em jogo na situação transferencial. A repetição, assim como a memória, pede um objeto. Por este motivo nosso interesse neste tema não está dirigido somente à dimensão da repetição como força universal, mas também para o sentido singular e concreto de sua manifestação clínica.

Rodrigo, destruir é preciso

Uma família vem procurar uma avaliação diagnóstica do filho mais novo, Rodrigo, de sete anos, motivada por um pedido da escola. Não há queixas do ponto de vista pedagógico; elas se referem ao comportamento. Rodrigo é agressivo: ora está calmo, ora torna-se insuportável, provoca os colegas, estraga o material e os trabalhos destes. Procura sempre sujar quem está limpo. Em casa, dizem os pais, não é tão agressivo, a não ser com a irmã mais velha, de nove anos. Os pais parecem dar uma importância relativa às queixas da escola. Segundo eles, a escola "exagera". Relatam que as questões de disciplina em casa são um "pouco variáveis": algumas normas, parece, permanecem ambíguas. A mãe diz que o pai é muito tolerante, outras vezes "estourado". Ambos trabalham em casa, na mesma profissão.

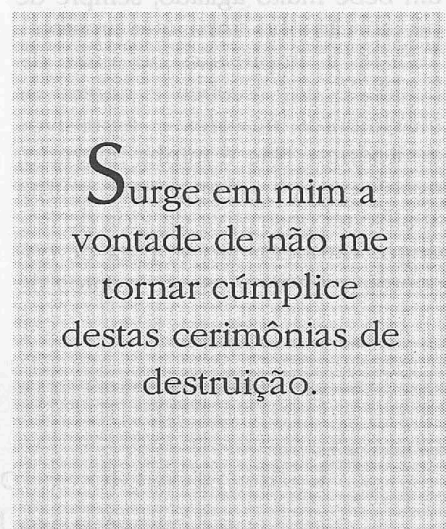
Estes breves dados têm como objetivo situar o leitor em relação à queixa apresentada. Minha intenção é referir-me a um aspecto da auto-imagem de Rodrigo e a uma situação transferencial particular. Chama-me a atenção como ele anda

sujo. Não se trata de um menino que fica brincando, e como consequência das brincadeiras se suja; tenho a impressão que propositalmente, procura apresentar-se frente ao mundo deste modo. Quando solicitado a fazer um desenho, faz uma criança aproximadamente de sua idade. O que chama a atenção em seu desenho, cognitivamente adequado à sua idade, são as roupas rasgadas e cheias de furos da criança nele representada. O desenho parece aludir a que estas roupas apresentam um aspecto "punk", ou seja, não são rasgos devidos ao uso ou à pobreza. Parecem metodicamente colocados possuem um aspecto contestador. Rodrigo também fala com uma voz que soa forjada: parece um palhaço, em seu estilo há alguma coisa de grotesco, entre a timidez e o deboche.

As primeiras sessões são dedicadas à exploração dos recursos e do espaço da sala, dos brinquedos, da água, dos limites do analista. Tudo é testado, e depois deste movimento Rodrigo começa uma demolição de todo o material da caixa: lápis, canetas, carros, tudo é sistematicamente destruído, num movimento aparentemente sádico e desafiador. Num primeiro momento fico assustado com a agressividade de Rodrigo; é como se temesse também ser destruído. Tenho a impressão de que isto é o que ele provavelmente acaba suscitando nos outros. No entanto, alguma coisa chama minha atenção: no final da sessão todos os restos destes ataques são guardados na caixa, nada é jogado fora, nada é esquecido. Rodrigo conserva os fragmentos de todas as suas investidas.

Apesar da ansiedade que este movimento suscita em mim, em nenhum momento faço algo para impedi-lo. Numa sessão, ele pede que eu segure a tampa da caixa de um jogo que não conseguia rasgar, para poder dar um golpe mais certo. Neste momento, surge em mim a vontade de não me tornar

cúmplice destas cerimônias de destruição. Digo a ele de modo espontâneo, quase irrefletido: "Se você quiser, pode quebrar o que tiver vontade, mas eu não vou te ajudar a se destruir". Rodrigo me olha com um olhar diferente: tenta rasgar sozinho a caixa, mas logo desiste. Alguma coisa tinha mudado, alguma coisa perdera a graça. Esta intervenção possibilitou um rearranjo da situação transferencial e o início de um trabalho de simbolização. Foi possível a investigação de suas fantasias sobre sua imagem corporal e de sua necessidade de se identificar com um objeto sujo-agressivo, bem como a re-



Surge em mim a vontade de não me tornar cúmplice destas cerimônias de destruição.

lação disto com fantasias sádicas-anais; enfim, a análise possibilitou uma evolução e uma reorganização de sua imagem em relação a si mesmo e às outras pessoas.

O que me interessa destacar é este momento pontual. Há um agir de Rodrigo na sessão; a necessidade de expressão é dominante, a compulsão destrutiva parece não ter fim, manifestando-se em elementos transferenciais tanto pelo deslocamento como pela repetição. Poderíamos aprofundar a análise das suas fantasias inconscientes, não muito diferentes das ilustradas por Melanie Klein em *Psicanálise da Criança*, mas prefiro centrar nosso olhar no efeito desta inter-

venção. Minha impressão é que ela instaura algo novo no universo psíquico de Rodrigo. Diferentemente das que o solicitam a não brigar com os colegas, a não sujá-los, a tomar cuidado com sua irmã, esta fala o conduz a refletir sobre seu movimento destrutivo, que acaba se voltando contra ele mesmo, dada a minha recusa em colaborar com seu comportamento. Minha hipótese é que, muito precocemente na vida de Rodrigo, estes movimentos foram ora rejeitados, na tentativa de os controlar, ora menosprezados. Rodrigo é o segundo filho. Ambos desejavam outra menina, "seria mais fácil". "Era um bebê muito agitado, sempre de pé, no carrinho tinha que amarrar". Tem-se a impressão de uma dificuldade em receber e conter os movimentos motores e agressivos de Rodrigo. Não é minha intenção, neste espaço, alongar-me numa análise reconstrutiva da vida de Rodrigo. Também não se trata de encontrar na anamnese os pontos de

Há dias em que Rodrigo pede para que eu o segure e amarre com durex seus braços e pernas; outras vezes, constrói uma teia de aranha e joga-se nela, para depois tratar de se libertar. Repete estas situações inúmeras vezes. Esta repetição alude à sua resistência a ressignificar suas fantasias. Alude também à necessidade de expressar sua vontade de se ver livre de um jogo pulsional que o condena a uma luta eterna. Progressivamente os cacos começam a ser redescobertos, os brinquedos remontados, não do jeito que eram anteriormente, mas numa nova ordem. Rodrigo torna-se um *bricoleur* da sua própria subjetividade; não se trata somente de um rearranjo de fantasias, mas de uma remontagem de fragmentos de sua história pulsional, de experiências concretamente vividas na análise e fora dela.

Trata-se, a meu ver, de uma *transformação em relação ao infantil* - como compreendido neste

ato, na sua vida e na sua análise, aquilo que da sua relação com o mundo não pudera ser digerido, metabolizado; expelia com constantes arrotos e flatos os indigestos dos primeiros festins de sua história.

A intervenção do analista não é mera explicitação; pela abstinência deste, ela tem valor performático, no sentido de Austin, na medida em que define um lugar diferencial para a repetição na situação analítica. O analista não é exterior à situação. Se uma das particularidades da repetição transferencial é a introdução do analista no circuito pulsional do paciente, a interpretação se torna eficaz na medida em que se inscreve num lugar que não é uma virtualidade. É por isso que, sujeitada ao limite da palavra, ela ganha força; esta advém do sentido pulsional que o paciente lhe outorga.

Compreendemos assim que a análise não é um processo puramente hermenêutico de elucidação de sentidos por alguém especialmente treinado para tal fim. A grandeza da descoberta freudiana consiste em que, na própria estrutura da neurose, reside a possibilidade de sua ressignificação.

Num primeiro momento, Rodrigo procurava na repetição a confirmação de que não havia outro caminho, que estava condenado a ser esta mistura de *clown-punk* pelo resto da vida. No entanto, guardava nos cacos quebrados da sua história a esperança de uma possível saída: Eros e Tânatos travavam uma violenta batalha a serviço da vida.

Da transferência ao infantil

Mas voltemos a Freud. Sua primeira concepção de transferência está associada à idéia de "falso enlace" (a paciente dos *Estudos sobre a Histeria* que desejava um beijo dele). A idéia de falso enlace está associada à noção de *deslocamento*. A carga de afeto é transferida de uma representação para outra. Este

A interpretação se torna eficaz na medida em que se inscreve num lugar, o qual não é pura virtualidade.

possíveis fixações, *mas sim de perceber, nas falas atuais da família e do próprio paciente, o testemunho dos momentos de encontro e de desencontro dos participantes desta história*. O pai é às vezes muito condescendente, outras "estourado"; a mãe não dá grande importância ao que a escola fala, mas é muito exigente em casa. Tem-se a impressão de que as coisas devem se encaixar num modelo pré-estabelecido. Rodrigo contesta; ninguém se salva, a não ser os cacos, os fragmentos estilhaçados das suas investidas.

trabalho - que implica na elaboração de suas fantasias inconscientes, ganhando possibilidade de simbolização assim como de uma reformulação de suas identificações. A sua força, sua característica destemida, sua vontade de competir, se reorganizam. Ele é um menino muito forte, alto como seu pai; progressivamente começa a interessar-se por esportes dos quais havia desistido anteriormente, esportes que requerem força física. Sai-se muito bem, é valente, ousado. Rodrigo precisou pôr em

será um dos elementos constituintes da noção freudiana de transferência, solidária com sua concepção do processo primário. Mas aqui se antecipam também outros elementos, como a idéia de repetição e de passagem ao ato, pois o deslocamento não ocorre somente numa dimensão sincrônica; ele envolve a história do paciente, da mesma maneira que a cena não exclui a ação.

Joel Birman descreve assim o que está em jogo:

“É estabelecida uma equação simbólica entre a cena fantasmática e a cena da relação médico-paciente, estando no desvelamento da segunda a condição da possibilidade de explicitar a primeira, que pertence à história do paciente”.

Aqui vemos uma correspondência entre o que é vivido e experienciado na situação analítica e aquilo que corresponde à realidade psíquica do paciente. Para a finalidade do presente tra-

cuas impressões marcaram o indivíduo. Mas cedo constata a impossibilidade desta tarefa se realizar pela via evocativa: a amnésia infantil e a resistência são de tal ordem, que a missão se torna impossível. Será outro o caminho pelo qual as impressões e desejos infantis farão seu aparecimento na vida atual do paciente. A transferência é o modo particular pelo qual a subjetividade humana expressa sua constituição. Ela permite o acesso às vicissitudes do recalque e ao conteúdo das fantasias inconscientes. A descoberta da transferência altera o paradigma anamnésico da clínica freudiana, e traz consigo um sem-número de consequências.

Essa constatação de Freud contraria todas as regras de uma temporalidade linear. O paciente não diferencia, segundo esta concepção, o objeto do passado do objeto do presente: a onipotência

Mas o que se repete? Por que razão a transferência deixa de ser um fenômeno marginal do tratamento para se tornar seu eixo? Aqui estão estreitamente vinculados o mecanismo da transferência, e a sua função no processo de análise. Essa repetição, diz Freud, é a maneira do paciente recordar, porque atualiza os mesmos processos que outrora produziram o recalque e as fixações libidinais e que as mantêm. Para compreender melhor a relação de “dependência e pertinência” da transferência com o infantil, convém recordar brevemente como Freud a situa em relação à sugestão, à resistência e à repetição. Através dos trabalhos de Freud e principalmente dos de Ferenczi vê-se que a raiz do efeito de sugestão repousa na possibilidade de transferir; e, visando diferenciar a Psicanálise de qualquer tratamento sugestivo, Freud vê-se conduzido a eliminar todo resquício de sedução que possa existir no tratamento analítico. Por isso propõe como destino da transferência a sua *liquidação*. Tarefa utópica, que será discutida mais a fundo em *Análise Terminável e Interminável*. Pois bem, usando uma linguagem freudiana, se ambas - transferência e sugestão - repousam nos mesmos complexos infantis aos quais o analista é assimilado, e se sua interpretação possibilita o acesso aos complexos inconscientes que de outro modo seriam inacessíveis, por que vê-la como máxima expressão da *resistência*? É neste ponto, como disse anteriormente, que vejo coincidirem *mecanismo* e *função* na transferência. Pois na situação analítica o paciente é convidado a uma colocação em ato, onde ele, paciente, é personagem da sua própria história. *Atual e inatual se presentificam num movimento que chamamos de transferencial*, no qual e pelo qual o paciente procura se defender como outrora fazia de seus próprios impulsos libidinais ou agressivos. A transferência é, ao mesmo

Na situação analítica, o paciente é convidado a uma colocação em ato: é personagem de sua própria história.

balho, interessa-nos investigar que tipo de correspondência é esta, pois esta relação é a mesma que existe entre o infantil - cujo modo de composição quero explicitar - e o presente da situação analítica. A transferência transforma-se na chave de acesso à constituição fantasmática do sujeito.

A idéia inicial de Freud - como se lê no Posfácio do *Caso Dora* - era reconstruir, levantando as barreiras do recalque, uma cadeia de eventos

da realidade psíquica impede o sujeito de lidar com o novo. Ou melhor, o novo é assimilado a uma concepção que o precede. A memória deixa de ser evocação para tornar-se ato. Freud afirma, em *Recordação, Repetição, Elaboração*:

“... O analisando não recorda, em geral, nada do esquecido e reprimido, mas o atua. Não o reproduz como lembrança, mas como ação; repete-o sem saber, é claro, que o repete.”

tempo, expressão do desejo e da defesa. Sua ambigüidade reside nos aspectos conflitivos que a tornam expressão da resistência, e na abolição do tempo que pretende instaurar. A este respeito, escreve Pierre Fédida:

“Se o paciente me fala do seu amor por mim é a *inaturalidade do infantil* que aí é ouvida. Não posso explicar ao paciente o que é o infantil. Não posso talvez dizer nada. Posso significar talvez por certas palavras empregadas pelo paciente que, o que ele vive, é acolhido como verdadeiro mas não pode receber uma resposta do atual. O que chamamos de “não resposta” é precisamente a recusa de dar o atual como resposta ao inatural”.

Retomando o material a respeito de Rodrigo, vemos que sua demanda de me recrutar como cúmplice de sua imagem de destruidor, como parceiro em cerimônias auto-destrutivas, é um convite presente para repetir e cristalizar as posições típicas dele e do outro em todo relacionamento intersubjetivo. A recusa deste lugar permite a abertura para o novo.

Fédida sugere no mesmo texto que a situação analítica instaura um espaço para a sedução. Mas, há uma diferença entre a situação analítica reinstaurar o *espaço da sedução* e o analista ocupar concretamente o lugar do sedutor. A análise procurava no seu início criar as condições para a rememoração, descobre que cria as da repetição transferencial.

Desta forma, a situação analítica permite a colocação em ato do inconsciente. Desejos e estímulos encontram, quando dirigidos ao outro, um canal de expressão. O analista não está no lugar do sedutor, mas de quem, pela sua presença, permite que a ambigüidade da cena se ponha em ato. É uma posição difícil de sustentar. Suportar a ambigüidade significa permitir que o outro desdobre sua realidade psíquica na situação presente. Há um tempo para a nomeação, e

um lugar a partir do qual ela pode ser enunciada. A precipitação por parte do analista, a “interpretação teórica”, o seu próprio narcisismo, colocam o analisando no campo dos mesmos fracassos que o levaram a uma estruturação patológica.

Harold Searles, em um texto clássico, produto de sua longa experiência com pacientes esquizofrênicos, mostra claramente o que é desencadear situações nas quais as pulsões são convocadas e, logo após, impor-lhes uma frustração inesperada e desorientadora. Este sim é o jogo do sedutor, que produz, como diz Fédida, um curto-circuito na circulação do afeto. Se esta já foi interrompida anteriormente, a repetição transferencial traz potencialmente a possibilidade de reestabelecê-la.

A análise procurava criar condições para a rememoração, e descobre que favorece a repetição transferencial.

O elo entre o infantil e a transferência por todos estes motivos, revela-se como dos mais estreitos. Não é preciso pensar que o restabelecimento da circulação será feito *pelos mesmas vias* pelas quais teria ocorrido na criança: isto seria negar todo o crescimento ulterior do paciente. Não se trata tampouco de reconstruir um caminho de desenvolvimento que se teria visto interrompido, e que deveria continuar por um roteiro de fases previamente

estipulado. Não é essa a relação com o infantil que emerge do nosso estudo. *Trata-se da pertinência da repetição às condições de emergência e estruturação do sujeito*, que de algum modo impõem à transferência determinados caminhos: a compulsão à repetição do que precisa ser revivido para poder ser esquecido.

Temos aqui delineado um modelo terapêutico derivado de *Luto e Melancolia*. Sem o trabalho do luto pela perda do objeto, este não pode ser esquecido, mantendo-se vivo através de uma identificação patógena no interior do próprio ego. A importância deste modelo para a compreensão da transferência é fundamental. O não-metabolizado (Laplanche, Aulagnier) permanece ativo e no inconsciente, insiste; sua natureza pode ser das mais variadas, desde impulsos ternos a ataques destrutivos, conforme as vicissitudes da história pulsional de cada um. Não há um caminho pré-estabelecido para a repetição, mas existe o “pertencer a uma esfera de situações conflitivas”, cujas marcas estão estampadas na organização defensiva do sujeito, e que correspondem à sua própria história. Portanto, as relações entre o infantil e a repetição não são nada simples, embora decisivas; convém observá-las mais de perto, introduzindo agora o elo da memória.

Memória: da evocação à simbolização

Há várias maneiras pelas quais o passado marca o presente; a indagação constante a este respeito é um dos traços característicos da obra de Freud. No texto *Sobre as Lembranças Encobridoras*, por exemplo, fala da complexidade dos processos mnêmicos, e mostra-se perplexo frente à aparente ausência, na memória, de impressões infantis determinantes para o futuro. Na verdade a partir deste fato Freud questiona a memória consciente, na medida em que ela é elaboração secundária.

Maurice Dayan mostra como Freud opera a passagem de uma temporalidade pré-histórica do sujeito para a "atemporalidade do inconsciente". Apontando a relação entre o vivido na esfera da sexualidade infantil e o campo da neurose, apóia sua argumentação numa passagem da *Interpretação dos Sonhos*: "As impressões da primeira infância (do período pré-histórico que vai até a vizinhança dos três anos completos) aspiram à reprodução, talvez sem que isto dependa de algum outro modo do conteúdo delas (...); a sua repetição é somente uma realização de desejo". Dayan assinala o vínculo entre impressão e a realização do desejo, o que implica segundo ele em "admitir que a força da impressão se converte em compulsão à repetição, e que o de-

A impressão não é um mero registro, mas um processo ativo e investido pulsionalmente.

sejo que ali se realiza necessita apenas desta força para formar-se. Em todo caso, parece que entre a impressão recebida e o desejo experimentado existe um vínculo diferente daquele expresso pela nostalgia de uma satisfação; um vínculo que poderíamos chamar de traumático-pulsional, e que se situa 'para além do princípio do prazer'."

É exatamente este vínculo *traumático-pulsional* associado às impressões que nos interessa na perspectiva da repetição transferencial, tanto como resistência quanto como possibilidade aberta a uma resignificação. São múltiplos os objetos mnêmicos descobertos pela psicanálise, desde as formas cujo poder de representação evocável é maior, até outras menos estruturadas. André Green, em especial, fala na *memória amnésica*, um aparente paradoxo. A que tipo de registro estaria se referindo? Se a idéia é abandonar o paradigma anamnésico, por que recorrer à noção de memória? Neste sentido, vejo como complementares as abordagens de Dayan e de Green. O primeiro aponta o fracasso do paradigma da memória como evocação; no entanto, resgata a categoria de *impressão*. A impressão não é um mero registro, mas um processo ativo, investido pulsionalmente: ela corresponde às vivências infantis. Já Green sugere uma outra distinção: por um lado estariam os derivados mnêmicos, por outro a memória amnésica. Os primeiros incluiriam, além dos sonhos e dos delírios, as repetições atuadas. Os últimos, ligados principalmente a situações de separação, desnarcisização, intromissão, "constróem-se sobre uma posição subjetiva desnarcizada demais para admitir que esse psiquismo possa dirigir-se a um outro historicamente anterior".

Compreendo a distinção feita por Green como discriminando uma repetição de natureza neurótica, que se dá num contexto de simbolização estabelecido, e uma outra, de natureza muito mais traumática, no campo de formações psicóticas, embora podendo coexistir em personalidades neuróticas.

A modalidade da repetição abre uma via para o tema das construções em análise. Os últimos textos de Freud (e alguns que os ante-

cedem) o fazem a partir do traumático, mas o importante não está mais na pontualidade do evento, tal como propunha a teoria da sedução. Também os trabalhos de Ferenczi mereceriam um estudo minucioso, pela sua contribuição no resgate desta dimensão e sua presença na clínica.

O avanço no estudo dos processos identificatórios ("Luto e Melancolia" e "Introdução ao Narcisismo", etc.) e a postulação das instâncias ideais, incluindo o superego, permite apreender a existência de um aparelho psíquico altamente complexo, no qual essas impressões poderão ter uma inscrição. Como produto de um interjogo pulsional, estes registros passam a *compor concretamente a realidade psíquica* do sujeito. Ora, percebermos com clareza a distância entre tal referência e a idéia de um infantilismo do inconsciente, ou a teoria das fases de desenvolvimento estabelecidas a priori. Não falamos de uma criança que se conserva no adulto tal qual foi no passado, do que caberia derivar uma noção de transferência como ressurreição da criança que existiu no passado, conservada intacta num registro inconsciente. O que aparece na situação transferencial é a realidade psíquica, de cuja composição diz Dayan:

"O que chamamos realidade psíquica não é, nesta perspectiva, uma vida interna *sui generis* e sem relação com a exterioridade. É o resultado de uma *extração* e de uma *interiorização* do modo de composição da realidade (...). Mas este modo tampouco foi construído somente a partir das experiências reais feitas pela criança. Deriva, pelo contrário, de uma configuração de representantes pulsionais, apoiando cada um dos diferentes cenários, que as marcas das experiências precoces corroboraram ou invalidaram de forma desigual - e às quais consequentemente o recalçamento não se aplicou da mesma maneira nem com a mesma intensidade."

Desta perspectiva, vemos que a pertinência dos fenômenos transferências à esfera do infantil não obedece de forma alguma a uma linearidade causal. O campo de forças que o infantil organizado nesta trama psíquica constrói é de uma densidade tal, que seus efeitos não se fazem presentes apenas no recalamento, mas constituem a essência da atemporalidade do inconsciente. O que a transferência possibilita é a colocação em ato desta organização. Isto permite às vezes, que seja desconstruída uma trama defensiva, porque põe em evidência, através da reconstrução, as modalidades pelas quais -aprisionadas nos efeitos destas impressões- as vias do prazer ou da sublimação se viam impedidas. O que se busca é recuperar aquilo cujo registro não pôde ser metabolizado.

Algumas conclusões

A pesquisa desenvolvida ilustra até que ponto memória e temporalidade são solidárias na perspectiva psicanalítica de Freud. No início de sua obra, o modelo conceitual da memória era anamnésico: havia a perspectiva de recuperação das lembranças traumáticas tal como tinham acontecido. Esta perspectiva era solidária de uma concepção reversível do tempo, no sentido de uma evocação do passado. Percebemos que, à medida em que Freud reorganiza sua concepção tópica-pulsional, há um concomitante *rearranjo da dimensão mnêmico-temporal*. O contexto da primeira tópica admitia uma diversidade de inscrições psíquicas, na qual o sonho surge como a formação evocadora por exelência do desejo infantil a ser decifrado. Este modelo, embora já contemplasse o caráter restitutivo da pulsão a partir da noção de desejo, ainda admitia uma noção de tempo re-

versível, apesar do paradigma memória/registro/evocação já estar profundamente abalado. Ainda se admitia -embora não mais ingenuamente- que o passado se conservava intacto.

No contexto da segunda teoria pulsional, da formulação do complexo de Édipo e das instâncias ideais, o quadro muda bastante. O caráter repetitivo e demoníaco da

o sujeito tem que se haver com o passado, com o não-presente, com aquilo que tópica e temporalmente escapa à sua consciência. *O modelo linear da memória cede lugar a um modelo mais complexo, onde a possibilidade de simbolização ganha espaço e importância maiores que a possibilidade de evocação.* Isto não significa destro-

Num modelo mais complexo de memória, a possibilidade da simbolização é mais importante que a da evocação.

pulsão, bem como a transformação de experiências em instâncias (em Ego e em instâncias ideais) deixam poucas brechas para a reversibilidade do tempo e para a recuperação de lembranças. O tempo passa a ser concebido como *irreversível*, e isto, ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, torna *mais intensa* a necessidade da reelaboração. Ora, na medida em que não há chance de recuperar o que foi, torna-se necessária uma metabolização, caso contrário o sujeito sucumbiria àquilo que Monique Schneider chamou de "vampirismo das existências passadas". Deste modo, o modelo formulado em *Luto e Melancolia* adquire fundamental importância para a clínica: só é possível compreender a transformação do paradigma anamnésico em Freud se o situarmos em relação à articulação tempo-memória na singularidade da repetição transferencial.

Mesmo com as críticas que se possam fazer às tentativas de reconstrução e ao paradigma anamnésico, é inegável o fato de que

nar a memória, mas sim compreendê-la a partir das novas modalidades de existência descobertas pela psicanálise.

Fédida expõe de modo particularmente pético algumas das idéias que esboçamos sobre a relação entre tempo e luto. Segundo ele, a psicanálise se compromete com o pressentimento de que é a partir de uma certa "negligência da memória" que o sofrimento se instala:

"Esta negligência da memória é tanto aquela de haver perdoado cedo demais para poder esquecer, quanto a de ter confundido aquilo que nós próprios deveríamos lembrar para não esquecer com aquilo que deveríamos ter reconhecido como sendo de outra memória - da memória de um outro - para não perder seu amor, quanto, finalmente, a do engano acerca da idade daquele ao qual a memória se confiou."

Esta "negligência da memória" remete à realidade das experiências infantis. Para além da capacidade

inventiva do imaginário consciente e inconsciente, constatamos que fantasia e evento não são instâncias independentes, mas se configuram numa trama constitutiva da realidade psíquica. Realidade psíquica que não está ali desde as origens, mas é construída pela inscrição das vivências infantis, nas quais o outro desempenha função primordial.

O confronto da demanda pulsional, nas experiências de prazer e desprazer, determina a sedimentação de diferentes modalidades mnêmicas, das mais organizadas até as mais bizarras, cujo grau de simbolização é mínimo (Green). Neste sentido, ganha um espaço maior a amnésia infantil, ressignificada por este movimento com todo o poder traumático que carrega: Freud já fazia referência aos fragmentos de verdade histórica contidos nos delírios.

A compreensão do processo analítico a partir da transferência coloca a repetição como um eixo fundamental, inerente à constituição do sujeito. Nesta perspectiva, a análise quer recuperar a dimensão do passado vivo no presente. Um passado não fotograficamente guardado, mas constituído como resultante de movimentos anteriores, que imprimem ao presente condições de possibilidade para a repetição e/ou para a abertura. Nestas experiências, destacam-se as vicissitudes edípicas singulares, que se decantaram em determinados modelos identificatórios e em repertórios possíveis de escolhas objetais.

Estes protótipos não são estanques, nem operam em causalidade linear. Embora condicionem o presente por uma antecipação perceptiva, estão sujeitos à ressignificação: esta é a brecha que se oferece para a análise. O próprio modo de funcionamento da temporalidade psíquica, o *après-coup*, permite *redimensionar o passado* a partir do presente, permitindo que o infantil na sua di-

mensão amnésica possa se *constituir como memória*.

Constatamos como simplesmente falar do infantil nada acrescenta à nossa compreensão, se não o entendermos como conceito psicanalítico diferente da idéia de infância concretamente vivida. A partir da sua *realidade* psíquica, o infantil con-

Transformar a relação com o infantil permite uma reorganização, para que o novo possa advir.

diciona efeitos também reais no presente; é passível de aceder à consciência, se um movimento interpretativo-constutivo lhe permitir encontrar sua condição metafórica de expressão em determinado contexto transferencial.

Assim, *transformar* a relação com o infantil não significa sua eliminação (pensar assim seria ver nele um resíduo de infantilidade comportamental no sujeito), mas permitir uma reorganização de forças para que o novo possa advir.

O infantil é um território a explorar em cada um de nós; oferece sua face, mas nunca a revela inteiramente. Campo dos possíveis e dos limites, permanece como os tesouros dos antigos piratas para

os novos aventureiros, fonte de inspiração e desilusão. Mas nunca deixa de ser referência.

NOTAS

1. Pierre Fédida, "Amor e morte na transferência", in *Clinica Psicanalítica*, São Paulo, Escuta, 1988, p. 49. (Trad. Claudia Berliner)
2. John L. Austin, *Quando dizer é fazer* (1962), Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
3. Joel Birman, "Constituição do campo transferencial e o lugar da interpretação psicanalítica". in Joel Birman et al., *Transferência e interpretação*, Rio de Janeiro, Campos, 1982, p. 23.
4. Freud, "Repetición, recordación, elaboración". (1914). Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu Ediores, XII, p. 152. (Edição designada pela sigla AE).
5. Cf. Maurice Dayan, *Inconscient et Réalité*, Paris, PUF, 1985, p. 374.
6. Cf. S. Ferenczi, "Transferência e Introjecção" (1909), in J. Birman (org.), *Estudos Psicanalíticos, 1909-1933*, Rio de Janeiro, Taurus, p. 48.
7. Fédida, op. cit., p. 49.
8. cf. Harold Searles (1959) "The effort to drive the other person crazy- an element in the aetiology and psychotherapy of schizophrenia." *British Journal of Medical Psychology*, v. 32, p. 1-18.
9. Freud, *La Interpretación de los Sueños*, AE, IV, p. 255.
10. Dayan, op. cit., p. 380.
11. André Green, "Le Temps et la Mémoire" *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 1990, p. 179-205.
12. Por exemplo: "Análise de crianças com adultos" (1930), "Confusão de linguas entre os adultos e as crianças" (1933), e outros textos.
13. Dayan, op. cit. p. 81.
14. Monique Schneider, "O tempo do conto e o não tempo do inconsciente", Versão mimeografada. Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, 1991.
15. Pierre Fédida, "A construção: introdução a uma questão da memória na supervisão", in *Nome, figura e memória*, São Paulo, Escuta, 1992, p. 178.